

# Simonsen é contrário à renegociação da dívida

07 AGO 1982

Rio — O ex-ministro Mário Henrique Simonsen manifestou-se ontem contra a renegociação da dívida externa, afirmando que o Brasil precisa continuar apresentando bons projetos para obter recursos no exterior durante alguns anos ainda, embora a iniciativa privada tenha um espaço para crescer nessa área, numa proporção de 40 por cento para 60 por cento de empréstimos governamentais.

Simonsen também acha difícil que o Fundo Monetário Internacional venha a realizar alguma reunião muito importante no Rio de Janeiro para tratar da reforma do sistema financeiro internacional. Essa notícia ganhou corpo nos últimos dias em círculos governamentais, que afirmam que a reunião de rotina do comitê do FMI, a se realizar em janeiro, no Brasil, poderia ganhar importância no sentido de vir a ser uma nova Bretton Woods, reunião após a II Guerra Mundial, quando se estabeleceram as bases do atual Sistema Monetário Internacional.

Assessores do ministro Delfim Netto acham que uma reunião do FMI no Brasil, capaz de se tornar um "forum" em que todas as nações pudessem debater a crise econômica mundial, com os reflexos na queda do comércio e crescentes dificuldades na área financeira, seria muito importante e oportuna. Nesse sentido, lembram a iniciativa do presidente Figueiredo, de falar na Assembleia Geral das Nações Unidas, como uma necessidade imperiosa que tem, hoje, o Brasil de dar seus recados e avisos à comunidade das nações para que sejam evitadas determinadas manobras que impeçam o crescimento e a expansão dos países emergentes.

## ORDEM NA CASA

No entanto, o ministro Simonsen acha que a comunidade financeira internacional está longe de um acordo, ou imbuída do espírito de "colocar ordem na casa", mesmo diante da ameaça de inadimplência crescente de uma série de países latino-americanos, asiáticos e do leste europeu. Cita mesmo Simonsen a desavença havida há poucos dias entre o diretor da Reserva Federal norte-americana, Paul Volcker, e o diretor do FMI, De Larosiere, sobre empréstimos dos países em desenvolvimento.

Segundo relato do ex-minis-

tro, Volcker deu um alerta geral ao sistema bancário norte-americano, firmando que, se os bancos continuassem a emprestar para esses países, iriam apenas aumentar a perda, enquanto o diretor do FMI, De Larosiere, falava ao contrário, avisando aos bancos norte-americanos que, se parassesem de emprestar aos países periféricos, haveria uma reação em cadeia de quebras e insolvências que arruinaria todo o Sistema Financeiro Internacional. Simonsen acha que, caso as autoridades norte-americanas resolvam adotar medidas que inibam os empréstimos para os países latinos, os bancos norte-americanos não as aprovariam e enviariam seus recursos para os bancos europeus repassarem a esses países. Por essa razão, acha o ex-ministro do Planejamento que o fluxo de recursos continuará à disposição dos países que apresentem bons projetos. Entretanto, a possibilidade do Sistema Financeiro Internacional sentar-se em torno de uma mesa para rever normas e procedimentos ainda é muito remota para Simonsen.

## IDÉIA SUPÉRFLUA

Porto Alegre — O secretário-geral do Ministério do Planejamento, José Flávio Pécora, garantiu ontem que não há necessidade do Brasil reescalonar sua dívida externa, alegando que "é uma idéia absolutamente supérflua e desnecessária".

— Estamos administrando a dívida externa adequadamente e não há por que renegociá-la. Renegociar a dívida é algo muito mais complexo do que as pessoas afoitas imaginam que seja, acrescentou.

Quanto à inflação, Pécora afirmou que está sendo mantida a linha da política econômica, com "uma austeridade nos gastos públicos e uma política monetária rígida".

— No setor dos gastos públicos — comentou, temos feito com que o déficit global tenha caído progressivamente ao longo destes três últimos anos, o que certamente produzirá os resultados necessários na inflação. Estamos fazendo uma política monetária cautelosa, sem criar qualquer crise de liquidez adicional, o que deverá redundar em benefícios na taxa de inflação.

O secretário-geral da Seplan observou que "há uma retomada no desenvolvimento do país, de forma lenta mas segura".